

Uma política externa conciliadora tanto quanto possível

| DIÁLOGO | Pesquisadores ouvidos por O POVO verificam pragmatismo nos movimentos externos de Biden, mas, por outro lado, consideram tensionamentos com Rússia e China inevitáveis diante do arranjo internacional presente

CARLOS HOLANDA
carlosholanda@opovo.com.br

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, se põe conciliador, numa conduta pacata, sendo comum até mesmo que o noticiário o reconheça como entediante. Em artigo no New York Times sobre os 100 dias do mandatário, Michele Cottle, membro do conselho editorial da publicação, escreveu sobre Biden, mas indiretamente sobre Trump, que “ele está tornando a presidência entediante novamente. Zombe se quiser, mas esta é uma grande conquista - bem-vinda por muitos americanos exaustos”.

A conduta mais “low profile”, associada ao pragmatismo, deve dar o tom do político nas relações com os outros países. Contudo, Biden soube sair da linha quando necessitou falar de Vladimir Putin, a quem considerou um “assassino”, ao ser questionado sobre o presidente russo.

Para Felipe Loureiro, coordenador do curso de Relações Exteriores da Universidade de São Paulo (USP), ele deve fazer uma “política externa pragmática e que visa recolocar os EUA como liderança global em várias temáticas, notadamente na temática ambiental; uma política externa que mantém a China como uma centralidade estratégica, mas que o faz de forma não-espetacularizada; uma política externa que revaloriza o multilateralismo, organizações e acordos internacionais.”

Bosco Monte, docente na mesma área, afirma que reconduzir os EUA para os trilhos da normalidade passa por



BRENDAN SMIALOWSKI / AFP

PRIMEIROS dias de Biden na Casa Branca indicam mudanças na postura dos EUA diante dos principais atores internacionais

conversar com todos e trazer o país de volta ao Acordo de Paris - para redução de emissão de fases -, algo feito assim que Biden chegou à Casa Branca.

“Mas ele não esqueceu alguns pressupostos que já existem, como a hegemonia. Seja democrata ou republicano, tem que ter um lado de oposição no cenário internacional. Isso acontece com a China, com a Rússia, com alguns países da América do Sul”, afirma o professor.

E segue na interpretando-o: “Ele mostrou que já não é totalmente diferente do que existiu nos governos anteriores a ele. Tem agendas comuns, independente de quem ocupa o Salão Oval, mas tem movimentos peculiares. Tem essas duas identidades: aquela conservadora, que se mantém na narrativa de todos os presidentes”.

Biden vai bater na China, segundo Monte, que continua

avançando na sua política de mercado, perigosa para as empresas americanas. Enquanto Putin, por conta do seu histórico de intervenção em assuntos internos americanos, também será um alvo, para o professor.

“Então, o Biden vai brigar com esses dois, especificamente. Por outro lado, ele é aberto. Na semana passada, chamou os líderes mundiais para conversar, inclusive os dois inimigos, como China e Rússia, estavam na Cúpula do Clima que ele promoveu. Tem, portanto, o lado conservador e o liberal, com agendas diferentes, mas ainda é cedo para termos resultados”, pontua Monte.

Ao recompor laços com nações europeias, segundo Oswaldo Dehon, doutor em Relações Internacionais, consequentemente os EUA fazem aumentar tensões com a Rússia.

Relação Brasil-EUA.

Deve haver um período de pragmatismo, diz especialista

Oswaldo Dehon, doutor em Relações Institucionais e professor do Ibmec Belo Horizonte, projeta um “período de pragmatismo” na relação entre Estados Unidos e Brasil. Para ele, isso está mais claro do ponto de vista dos norte-americanos.

“Há uma tentativa, no caso do governo brasileiro, com a substituição do (ex-ministro das Relações Exteriores) Ernesto Araújo de poder tentar mudar os rumos no que diz respeito à política externa desastrosa”, diz Dehon.

Mas ele ressalva que o “próprio presidente e o ministro da Economia (Paulo Guedes) têm dado demonstrações de que a visão que reinava no período Ernesto não passou”.

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) se envolveu no processo eleitoral americano, tomando partido para o lado do candidato que viria a perder. O tipo de intromissão é, além de precipitado, contraindicado na prática diplomática.

“Para que possa haver retorno as relações normais, é preciso que haja aprofundamento da colaboração entre dois países. Ao mesmo tempo há uma demanda de que o Brasil possa se aproximar das instituições multilaterais, fazer bom trabalho no meio

ambiente, estabelecer relação com os vizinhos da região”, afirma o docente.

E adiciona: “É preciso que o Brasil possa enxergar nos EUA um parceiro estratégico, não só do ponto de vista ideológico”.

De volta às eleições americanas, o presidente brasileiro foi o último chefe de Estado a oferecer os cumprimentos pela vitória do democrata diante de Trump.

Como o ex-presidente estadunidense, Bolsonaro costuma levantar suposições segundo as quais as urnas eletrônicas brasileiras são fraudadas. As dos EUA, via cédulas, foram criticadas por Trump com o já histórico “stop the count”.

Mais adiante, durante a campanha nos EUA, Bolsonaro lançou uma indireta a Biden. Em resposta a um aviso do democrata, que prometeu levantar barreiras comerciais contra o Brasil no caso de as queimadas na Amazônia não serem controladas, o presidente brasileiro disse que “apenas na diplomacia não dá”, concluindo “que quando acaba a saliva, tem que ter pólvora”.

Biden não respondeu aos ataques mais enérgicos. Entre analistas, é estratégico para os EUA não isolar o Brasil, pois o colocaria naturalmente mais próximo à China. **(Carlos Holanda)**

OS 100 DIAS DE BIDEN UMA RETROSPECTIVA



COVID-19

O democrata adotou comportamento assertivo em relação à pandemia, sobretudo se comparado à postura negacionista do antecessor Donald Trump. Estabeleceu meta de aplicar 100 milhões de doses. Aproximadamente 290 milhões de doses foram distribuídas, sendo 230 milhões administradas e cerca de 96 milhões de americanos estão totalmente vacinados.

POLÍTICA EXTERNA



Rússia

Os EUA impuseram sanções à Rússia como resposta à interferência de Moscou nas eleições de 2020 e um ataque de hackers atribuído ao governo russo. Biden atribuiu a Vladimir Putin o título de “assassino” durante uma entrevista. Entre as sanções está a expulsão de diplomatas russos (que foi devolvido na mesma moeda) e a proibição de instituições financeiras dos EUA de comprarem títulos da dívida pública do banco central russo a partir de junho

Irã

Biden deu continuidade às sanções ao Irã impostas pelo ex-presidente Donald Trump. Não aceitou encerrá-las, colocando como condição que Teerã se envolva no programa nuclear estadunidense. Trump havia retirado os EUA do acordo nuclear, mas Washington retomou as conversas para retomada do tratado que, em 2015, foi selado no sentido de impedir que o Irã se tornasse uma potência nuclear.

China

Foram mantidas as tarifas comerciais impostas à China. Houve aumento da pressão sobre a potência oriental em razão da repressão chinesa a ativistas de Hong Kong.

CÚPULA DO CLIMA

Diversas nações se integraram à reunião intitulada Cúpula de Líderes sobre o Clima, ou Cúpula do Clima, cujo objetivo foi travar uma discussão sobre as mudanças climáticas e como a lógica do desenvolvimento econômico pode estar relacionada às práticas de proteção ao meio ambiente. Biden cobra que a China também permaneça dentro dos marcos de proteção ao meio ambiente, um modo de competir dentro das “regras do jogo”.



GEORGE FLOYD: "JOELHO DA INJUSTIÇA"

A condenação de Derek Chauvin, embora não esteja diretamente relacionada ao governo Biden, é um marco dos 100 dias do novo presidente. O então policial matou George Floyd asfixiado em maio do ano passado. O joelho de Chauvin passou cerca de nove minutos pressionando o pescoço do homem negro de 48 anos. A morte desencadeou protestos e diferentes reações contra o racismo nos EUA e no mundo. No discurso do 100º dia de governo, no Capitólio, Biden afirmou que todos foram testemunhas do “joelho da injustiça no pescoço da América Negra”. Pediu ainda que policiais reconstruam relação de confiança com o povo.

